

P. Ottavio De Bertolis

Redescobrir o Sacramento da Confissão

Da obediência ao amor



EDITORIAL AO

Título original

Riscoprire il sacramento della confessione

Dall'obbedienza all'amore

© Tau Editrice, 2020 / Via Umbria, 148/7

06059 Todi (PG)

info@editricetau.com

www.editricetau.com

Tradução

Odete Alves

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Gráfica Almondina de Progresso e Vida

Depósito Legal n.º

561304/26

ISBN

978-972-39-1040-7

Março de 2026

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

Prefácio

É com satisfação que republicamos uma obra, já editada por esta editora, *Da obediência ao amor*, pela qual os leitores demonstraram um certo apreço, pensada sobretudo para os fiéis, a fim de os ajudar a aproximarem-se da confissão sacramental com maior fruto e com espírito de filhos, como realmente somos, e não de escravos. A isso acrescentamos, nesta segunda edição, um pequeno escrito, originalmente pensado, como é evidente pelo estilo e pelo conteúdo, para os próprios confessores, sobre o dever da nossa fidelidade ao Magistério e às normas eclesiais na administração do sacramento da penitência. Esperamos, assim, ajudar os próprios sacerdotes a celebrá-lo com maior atenção pastoral às muitas situações que podemos encontrar e que exigem uma reflexão, de alguma forma, mais atenta para não incorrer nos erros opostos do arbítrio ou da rigidez.

Redescobrir o Sacramento da Confissão

A primazia, que queremos continuamente sublinhar, do amor de Deus, da fidelidade do Ressuscitado à vida de cada um, da graça fundamental do Espírito que continuamente anima a vida de cada cristão, é a raiz, existencial, em primeiro lugar, e, depois, teológica, das reflexões que oferecemos. De facto, para cada um, fiel que se confessa ou pastor, que é um fiel como os outros, que recebe as confissões, em primeiro lugar vem o amor de Deus, que Jesus nos mostrou até ao fim: este é o horizonte imprescindível no qual vemos a nossa vida de homens pobres, onde encontram verdade tanto as nossas ambiguidades e contradições, quanto as leis e normas canónicas, que encontram a sua *ratio* em conduzir mais facilmente a Cristo. O amor de Cristo torna-se, portanto, o critério hermenêutico, o cânone interpretativo, a chave de explicação tanto das nossas vidas, nos percursos por vezes interrompidos e frequentemente confusos das nossas existências, como das normas, morais e disciplinares, que sabiamente a Igreja, forte na experiência de séculos, propõe. Santo Inácio ensina, de facto, que o mesmo Espírito move tanto a nossa santa mãe Igreja hierárquica

Prefácio

como a alma fiel, e, portanto, uma oposição ou contradição real é impensável.

Esperamos poder contribuir, com estas poucas páginas, para dar a conhecer o amor de Deus, a realidade mais bela e necessária, a alegria da nossa vida, o bem que ninguém jamais nos poderá tirar, para o celebrar, viver, testemunhar, para louvor e glória do Coração daquele que em si mesmo extinguiu toda a inimizade.

Roma, 18 de outubro de 2019

São Lucas Evangelista

Scriba mansuetudinis Christi

P. Ottavio De Bertolis, sj



Introdução

Não é fácil escrever sobre a confissão. Este gesto, de facto, é um dos mais pessoais que se pode imaginar e nele se reflete toda a personalidade do penitente, a sua maneira de se relacionar com Deus, a imagem que tem d'Ele e, por reflexo, a que tem de si mesmo, dos outros e do seu mundo. Além disso, é verdade que quem não se confessa dificilmente lerá algo sobre a confissão, enquanto quem já o faz não precisa de conselho: nesse sentido, este livrinho pode parecer inútil. Mas, precisamente, o nosso livro não pretende ser um convite à confissão dirigido a quem já a pratica, exactamente porque não precisa dele; pretende ser, antes, uma reflexão sobre a forma de a viver, sobre «como» fazê-la, sobre o modo de se aproximar dela e, nesse sentido, é uma reflexão sobre a nossa maneira de viver toda a vida cristã. Em termos bíblicos, gostaria que fosse uma reflexão sobre o nosso «coração»: de facto, podemos confessar-nos «com a cabeça»,

Redescobrir o Sacramento da Confissão

porque talvez pensemos que é certo fazê-lo, ou que é um dever, mas sem sair de uma lógica inspirada na lei; ou podemos confessar-nos «de coração», deixando-nos envolver e surpreender por uma realidade maior, não por uma lei que nos domina, mas por uma fidelidade que nos surpreende.

É por isso que podemos sintetizar o caminho proposto com o título «da obediência ao amor»: trata-se, em última análise, de descobrir, ou redescobrir, a vida cristã, não como uma lógica da lei, ou seja, de uma proibição, e, portanto, do medo (de nós mesmos e de Deus), mas como experiência da sua paciência, da sua espera, do seu «sim» incondicional, sem se nem mas, ao que somos. Em suma, trata-se de descobrir verdadeiramente, e não por ouvir dizer, aquilo em que todos dizemos acreditar: o amor de Deus. Na realidade, na maioria das vezes não acreditamos seriamente, mas, por assim dizer, apenas até certo ponto. Pelo contrário, o amor de Deus manifesta-se em Jesus Cristo, nas suas palavras, nos seus gestos, na carne da sua própria pessoa: quem o vê, vê o Pai, e começa a aprender quem realmente é Deus, e passa das nossas imagens ou

Introdução

representações d'Ele, que podem ser muito enganosas, para o seu verdadeiro rosto. Este é o verdadeiro êxodo de que todos precisamos.

É por isso que na confissão se reflete o que pensamos de Deus e, em particular, se reconhecemos e acreditamos na lei, no dever e em Deus como seu autor, ou se, como nos ensina João, de forma tão simples, mas tão profunda, reconhecemos e acreditamos no amor que Deus tem por nós. E daí deriva se permanecemos no amor ou, pelo contrário, na obediência: mas «quem não ama, permanece na morte» (1 Jo 3, 14), mesmo que obedeça. De facto, há uma obediência que conduz à morte, porque nasce do medo e conduz ao medo, e outra que conduz à vida, porque a lei é uma pedagoga que conduz a Cristo: mas não devemos permanecer crianças necessitadas de um mestre para toda a vida, e a tarefa da pastoral deveria ser a de nos ajudar a tornarmo-nos adultos, isto é, maiores de idade, e a não permanecermos toda a vida menores ou incapacitados.



Quando confessar-se?

Esta é uma dúvida que podemos encontrar nos fiéis, e com esta expressão refiro-me também aos sacerdotes, que são confessores, mas também fiéis e que, como todos, se aproximam deste sacramento. Por mais redutora que seja uma perspetiva puramente legalista, podemos, no entanto, começar a raciocinar a partir dela, para interpretar corretamente o espírito e a letra das normas canónicas.

Todos sabemos que a confissão é, para os fiéis católicos, o caminho habitual da reconciliação com Deus. Isto indica-nos que, por um lado, não é o único: de facto, existem caminhos que realmente obtêm a remissão dos pecados e que não devem ser entendidos como extraordinários apenas no sentido de serem opções para situações extraordinárias; trataremos destes mais adiante. Além disso, pelo facto de a confissão ser o caminho ordinário, deduzimos que é o habitual, ou normal, ou regular. Ainda não quantificámos o hábito, a

Redescobrir o Sacramento da Confissão

norma ou a regra em termos matemáticos, isto é, banalmente, «a cada quantos dias»: e nem sequer seria possível fazê-lo, porque depende muito do próprio penitente, da sua idade, do seu estado de vida, da sua necessidade objetiva.

Assim, o direito diz simplesmente que se deve confessar pelo menos uma vez por ano: o êxodo pascal, de facto, está bem presente, não só no sacramento do batismo, mas também no da reconciliação, e é oportuno que se faça no tempo da Páscoa, para que a vida da pessoa e a liturgia da Igreja se encontrem de forma proveitosa. No entanto, «pelo menos» não significa «apenas».

Deixando de lado, por enquanto, a questão da oportunidade da confissão frequente, semanal ou quinzenal, e mantendo, por outro lado, que «via ordinária» significa que é certamente necessária, se se está em pecado mortal, penso que cada um poderia refletir sobre o facto de que ela é um dom do Senhor ressuscitado, uma experiência renovada do Espírito Santo, uma graça que nos é oferecida. Cada um saberá quando aproveitá-la, consciente do facto de que não se deve ser movido tanto pelo medo, quanto pelo amor, ou seja, pelo

Quando confessar-se?

desejo de lhe responder. A questão de quando se confessar não pode ser colocada em termos abstratos, mas cada um deve, por assim dizer, senti-la na sua própria experiência: de facto, apenas parcialmente se pode responder «de cabeça», isto é, de acordo com a lei, mas, sem esquecer a cabeça ou a razão, responde-se deixando-se provocar, isto é, em sentido etimológico, deixando-se «puxar para fora» da própria preguiça ou indolência, para descobrir algo novo e mais belo. Cabe aos sacerdotes fazer com que a confissão seja vivida como algo belo e reconfortante: mas isso é outra questão.

Para dar uma resposta mais concreta, poderíamos dizer que a própria liturgia da Igreja, com as solenidades do Senhor e de sua Santíssima Mãe, pode ajudar-nos a viver mais profundamente a confissão: Páscoa, Natal, Todos os Santos, a Páscoa de Nossa Senhora, ou seja, a Assunção, Pentecostes, só para citar alguns, podem ser momentos muito úteis para celebrar com mais proveito a Eucaristia, à qual a reconciliação está diretamente orientada, sem, por isso, ser uma espécie de «passaporte». Por outro lado, nada impede, e pode ser muito eficaz, uma celebração ainda mais frequente,

Redescobrir o Sacramento da Confissão

mensal ou quinzenal, em particular para os religiosos e religiosas: diria, no entanto, que as coisas espirituais não podem ser abordadas apenas em termos de calendário. Talvez à pergunta «quando» confessar-se, se possa responder com outra pergunta: porque não me confesso melhor?

É verdade que, de facto, para muitos a confissão une-se à direcção espiritual: penso que, em princípio, seria melhor distinguir os âmbitos, também para poder falar mais livremente com o próprio penitente. Por outro lado, especialmente os jovens podem encontrar na confissão frequente, por exemplo quinzenal, unida à direcção espiritual, um encontro muito educativo.

Índice

<i>Prefácio</i>	5
<i>Introdução</i>	9
Quando confessar-se?	13
O que devemos confessar	17
Confissão e direção espiritual	23
Os caminhos do perdão	27
O pecado	35
O pecado mortal	41
Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração	49
O pecado venial	57
As omissões	65
<i>Conclusão</i>	73
A fidelidade do confessor ao Magistério e às normas	79
<i>Introdução</i>	79
A natureza do ordenamento canónico	81
O ordenamento canónico entre Moral e Direito	89
Orientações pastorais para os confessores	96
Quando negar a absolvição	103